

## **O aparente vazio: Sociedade, comunicação e política em tempos pós-modernos<sup>1</sup>**

Otávio Augusto Cunha<sup>2</sup>

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ

### **RESUMO**

O presente artigo parte da discussão em torno das mediações socioculturais para apontar um “aparente” vazio cultural e político na contemporaneidade, fortemente veiculado pelo predomínio de uma linguagem hegemônica espetacular que reproduz, a seu modo, a permanência no visível e do imediato. Acreditamos que o presente estágio do capitalismo tem influência direta na organização da sociedade civil e, conseqüentemente, na organização da cultura, e por isso a análise em torno dos novos desdobramentos sociais são fundamentais para a compreensão da organização social atual. Podemos observar um esvaziamento da cultura e da política ao mesmo tempo em que identificamos a manutenção da ordem vigente e a fragilidade da sociedade civil frente ao poder ideológico exercido pela hegemonia dominante.

**PALAVRAS-CHAVE:** Hegemonia, linguagem, sociedade

### **Introdução**

Atualmente observamos as discussões em torno dos desafios veiculados ao campo de estudos da comunicação. Discutimos as possibilidades que a área apresenta na atualidade, o problema central do direcionamento dos estudos a uma única possibilidade atrelada à ideia de mediatização, gerando observações meramente descritivas a respeito dos fenômenos sociais. Ao expandir a ideia de mediação o autor Jesús Martín-Barbero abre a possibilidade para uma visão que vá dos meios até as mediações que estão presentes em todo o corpo social. No livro “Dos meios as mediações”, partindo do conceito de hegemonia de Gramsci, Jesús Martín-Barbero propõe a desarticulação na análise dos meios como aparatos técnicos para elevar a perspectiva a toda a experiência cotidiana.

Analisando a comunicação como prática social, o autor entende o conceito de mediação como a categoria que liga a comunicação à cultura, de forma que as mediações ocorrem entre a produção e a recepção. Compreender a comunicação sob a perspectiva das mediações significa entender que entre a produção e a recepção há um espaço em que a cultura cotidiana acontece. Em “Ofício de Cartógrafo” (2002), Martín-Barbero atualiza sua

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teorias da comunicação, XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Foz do Iguaçu, PR – 2 a 5/9/2014

<sup>2</sup> Mestrando em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)  
E-mail: otavio.augustoc86@gmail.com

análise e passa a mencionar as mediações comunicativas da cultura. Essas mediações são organizadas entre dois eixos: um diacrônico, tensionando as Matrizes Culturais e os Formatos Industriais; e um sincrônico, que relaciona as Lógicas de Produção com as Competências de Recepção e Consumo.

Muniz Sodré ao expor o conceito de bios midiático traz a ideia de que a mediação não se encontra exclusivamente na mídia, uma vez que, todo o corpo social passa a ser representando pelo domínio que exerce um tipo de linguagem midiática. Muniz Sodré analisa que vivemos uma nova forma de vida - o bios midiático ou virtual, calcado nos negócios da informação, espelhamento e novos costumes. Observa o ethos desse mundo midiaticizado analisando a transformação das referências simbólicas com que se forma a consciência contemporânea, educacional e política. Analisa os atuais processos de construção da realidade, memória e da identificação dos sujeitos.

A articulação entre mídia e mercado no centro da nova era de globalização, organiza ao fundo a ideia de que comunicação e mídia, teoricamente, constituem pretextos para novas descobertas sobre o social. Como observa a autora Gislene Silva em seu artigo *“Pode o conceito reformulado de bios midiático conciliar mediações e midiaticização?”* existe muito mais proximidade do que distanciamento entre as observações de Martín Barbero e o conceito de mediação e Muniz Sodré com o conceito de Bios Midiático, a autora propõe que o conceito de Bios Midiático quando reformulado pode dar conta de conjugar as tensões e conflitos entre mediação, midiaticização e interação no campo de estudos de comunicação.

Dentro dessa perspectiva, este artigo parte da observação de uma estetização excessiva da política e da cultura, que reproduz, a seu modo, a permanência no visível e do imediato, o esvaziamento da cultura e da política ganham novas dimensões na contemporaneidade e por isso, acreditamos, que a ideia de “aparente” vazio pode ajudar a entender de que forma a organização social atual se estabelece, em cima de uma linguagem hegemônica calcada na aparência e no espetacular. A nova organização da sociedade passa a implicar em uma nova qualificação da vida, em um novo bios, o bios midiático, e em um novo ethos, o ethos midiaticizado. (SODRÉ, 2002). Acreditamos que a análise da organização social contemporânea (pós-moderna), e seus desdobramentos culturais e políticos, seja um tema de interesse na área de estudo das mediações socioculturais.

## Embasamento teórico

A tendência ao esvaziamento da cultura e da política na contemporaneidade é o resultado direto do enfraquecimento da sociedade civil frente ao atual estágio do capitalismo. É possível identificarmos um significativo empobrecimento das formas narrativas, em função das experiências sociais estarem bastante veiculadas a influência daquilo que Muniz Sodré chamou de bios midiático. As observações de Walter Benjamin quanto ao empobrecimento da narrativa e da experiência, encontram respaldo na perspectiva de Mikhail Bakhtin no que diz respeito ao estudo da linguagem como elemento fundamental da organização social. Walter Benjamin entende a narrativa como a prática social que pressupõe a interlocução. Bakhtin compreende que o diálogo inclui todas as formas de comunicação verbal, além da interação entre indivíduos, e por isso é carregado de sentido ideológico e político, entende o diálogo realidade fundamental da língua e tenta inverter os valores oficiais, dessacralizá-los, lançá-los por terra. Por meio do humor, da crítica, da paródia, a fala popular – sempre viva no território comunitário revela aquela “dialética interna do signo” que permite aos indivíduos recriarem seus valores sociais em confronto com os valores dominantes.

Compreende-se que esse esvaziamento se dá, principalmente, pelo empobrecimento das formas narrativas em um determinado espaço social. Essa crise das relações e, conseqüentemente, a extenuação das experiências para Benjamin pode ser evidenciado no fim da arte de narrar. Para ele, o narrador está em vias de extinção dentro do modelo de sociedade atual, pois a narrativa está intimamente ligada com as experiências vivenciadas pelo homem. E a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. A identidade de cada indivíduo dentro do grupo no qual ele está inserido está ligada a sua experiência social. Com esse empobrecimento há uma dificuldade na formação da identidade, favorecendo assim o surgimento da alienação.

Para Benjamin, é possível perceber esse processo no destino do homem moderno, que inserido em um ritmo cada vez mais frenético vai perdendo sua memória individual e coletiva. Seu comportamento é reflexo da sua experiência. Tomamos, nessa perspectiva, o conceito de experiência *benjaminiano*, em que essa abordagem aponta o aprendizado como sendo, fundamental, no processo de construção de uma consciência histórica. Benjamin (1989) estabelece uma correlação entre a memória e o consciente, observando que ignorar que a identidade particular do indivíduo se dá através da construção, convivência e influência dos outros, é também negar que somos constituídos da pluralidade dos indivíduos que nos cercam, por meio das trocas, sensações e emoções. Os indivíduos diferem entre si e desenvolvem,

portanto, fazeres e conhecimentos diferentes. E para esta constituição do homem ser a mais plena possível, nada melhor que compreender o outro e resgatar suas experiências de vida através da conversa. Walter Benjamin ensina sobre a necessidade de ver a história do ponto de vista dos que tiveram sua voz calada e não puderam se manifestar. Ele busca os indícios a partir desse ponto de vista e formula outra compreensão da sociedade; seu objetivo não é contar a história dos grandes personagens, mas a partir da perspectiva dos vencidos. Deste modo ele leva o leitor a perceber que aqueles que não puderam se manifestar tem seu próprio poder. Sua ideia seria voltar aos acontecimentos e criar uma nova abordagem histórica.

O perigo ameaça tanto os componentes da tradição quanto os seus receptores. Para ambos ele é um só: sujeitar-se a ser um instrumento da classe dominante. A cada época é preciso sempre de novo tentar o que foi transmitido do conformismo que ameaça subjugar-lo. Pois o Messias não vem apenas como o Salvador; ele vem como vencedor do Anticristo. Captar no pretérito a centelha da esperança só é dado ao historiador que estiver convicto do seguinte: se o inimigo vencer, nem mesmo os mortos estarão a salvo dele. E esse inimigo ainda não parou de vencer (BENJAMIN, 1985:156).

Para Benjamin a cultura do opressor é a da barbárie, mesmo que seja reivindicada como civilização, uma vez que subjuga outras culturas: a dos dominados. Então, assinala Gagnebin, “no momento em que a experiência coletiva se perde, em que a tradição comum já não oferece nenhuma base segura, outras formas narrativas tornam-se predominantes”

Interessado em compreender as relações de luta pela hegemonia o pensador Antônio Gramsci argumenta que como uma concepção do mundo “Toda língua é um conjunto de noções e de conceitos determinados” e não, simplesmente, uma “veste que sirva indiferentemente como forma a qualquer conteúdo” (1999-2002). As formas históricas são portadoras de conteúdos históricos, por isso a língua deve ser entendida como uma concepção ideológica e não somente compreendida como expressão gramatical.

Para Gramsci, linguagem representa cultura e filosofia e deve ser compreendida dentro de um campo de disputas e interesses políticos e ideológicos de diferentes grupos sociais. Essa disputa demonstra o desejo de determinada classe em assumir a narrativa e contar a história a partir de sua própria perspectiva. A concepção *gramsciniana* de linguagem também encontra afinidade com as análises de Bakhtin, onde a linguagem só é compreendida na sua devida complexidade quando considerada como fenômeno social e ideológico e aprendida dialogicamente no fluxo da história.

Bakhtin destaca o valor fundamental da palavra como modo mais puro de interação social. A palavra, além de instrumento de consciência, é também, espaço privilegiado da criação ideológica, disputa pela organização da cultura e, conseqüentemente, da luta de classes. Entendendo a cultura e a linguagem como elementos fundamentais na disputa pela hegemonia, Gramsci observa que o direcionamento político e ideológico das camadas dirigentes tem como objetivo o empobrecimento e a fragmentação da linguagem e consciência popular, dificultando a atuação democrática das camadas populares onde o discurso alternativo deveria ser elaborado fora dos padrões dominantes. Configurando, assim, uma expressão advinda de outros meios de interação cultural. Enquanto a fala oficial é sistematicamente articulada por meio de uma matriz de canais institucionais, as formas de consciência do povo são descontínuas e fragmentárias. Nelas, pode-se encontrar uma infinidade de traços deixados pelo processo histórico.

Visto que a linguagem é elemento social que norteia a consciência, vale indagar sobre as narrativas e as formas de comunicação predominantes na consciência popular na sociedade contemporânea. Para compreender a fragilidade da sociedade civil frente à hegemonia exercida pela cultura em um bios midiático observamos de que forma se organiza a dominação imposta pela cultura dominante em todo o corpo social. As possibilidades de existência de formas de discurso alternativas e autênticas, onde uma realidade que mesmo sufocada e deformada pelos aparelhos de coerção e consenso, precisa ser capaz de expressar os estratos críticos do senso comum e aquela verdade que não sai no jornal. Esta pode não se tornar ainda uma visão do mundo sistematizada, articulada, como é a fala hegemônica, mas é seguramente o princípio daquilo que Gramsci chamaria de “filosofia popular”. Ele dá maior ênfase à perspectiva diretamente política da consciência, ou seja, aborda de que maneira a produção de ideias atende a determinados interesses de grupos e classes sociais.

Isso nos ajudaria a responder à questão colocada por Gramsci: “Qual é o tipo histórico de conformismo, de homem-massa do qual fazemos parte?” (1999-2002). Considerando a centralidade midiática na sociedade civil, sua principalidade na organização da consciência popular, iniciaremos pela hipótese de que o tipo histórico de conformismo do qual fazemos parte, hoje, não pode ser compreendido sem uma análise do modo como os modernos meios de comunicação reelaboram os signos do passado, se apropriam de formas e linguagens populares, reinterpretam a tradição.

É o poder das palavras, exercido pelos que controlam os grandes meios. Aqui vale utilizar a expressão *gramsciana*- as organizações pertencentes à sociedade civil, nesse caso, são “débeis e gelatinosas”. A hegemonia está contida na própria linguagem e quem tem o

poder de dar nomes, de criar jargões, define como os demais vão pensar. Compreende-se por sociedade civil o conjunto de aparelhos de hegemonia responsáveis pela organização da cultura.

A mídia hegemônica e não está interessada em mediar a relação entre os homens, muito menos despertar a consciência crítica presente nos elementos culturais oferecidos, numa época em que observamos uma nova forma de vida, um novo Bios, o midiático, onde se sacrifica a ação da palavra e da tradição existente, e sem a dimensão exata da narrativa a palavra perde o sentido de ação, se torna puro verbalismo. Da expressão coisificada não se pode esperar a denúncia do mundo. Nesse sentido a *Pedagogia do oprimido* envolve uma reflexão crítica sobre os “slogans dos opressores” (FREIRE, 2005), de maneira a que os homens, livres das formas de consciência que os escravizam, sintam-se “sujeitos do seu pensar”. Freire parte da convicção de que mesmo as lideranças revolucionárias não podem levar ao povo verdades estabelecidas sob a forma de clichês.

O conhecimento deve ser buscado dialogicamente com o próprio povo, reconhecido como sujeito de sua educação. “Obstaculizar a comunicação é transformá-los [os homens] em quase ‘coisa’ e isso é tarefa e objetivo dos opressores, não dos revolucionários” (Ibid., p.145). A relação entre os homens e suas experiências torna-se uma relação entre coisas. Dessa forma, o que observamos é uma perigosa tendência a limitação das ações políticas e culturais na contemporaneidade.

### **Bios Midiático e sociedade**

Para exemplificar a proposta do presente artigo observaremos os desdobramentos culturais e políticos que sacudiram o Brasil no ano de 2013. A crise de representação dos partidos e sindicatos abriu o caminho para os protestos que levaram milhões de pessoas as ruas durante os eventos preparativos para a copa do mundo de 2014. Sem o núcleo partidário para direcionar politicamente os protestos todos decidiram ser os protagonistas com suas próprias reivindicações individuais; ninguém mais queria ser “representado”. Sem a presença de partidos, que tem a função de universalizar as reivindicações, as manifestações correm o risco de se perder num conjunto infinito de reivindicações particularistas e, o que é pior, de serem pautadas pelo novo partido da sociedade do espetáculo: o “partido da mídia”.

Os atos, organizados pelo Movimento Passe Livre, foram divulgados principalmente pelas redes sociais. Imediatamente, o movimento ganhou adesão de populares, o que conferiu à luta características de uma revolta popular. Nesse momento, a cobertura ao vivo realizada

pela televisão (principalmente a TV Globo) passou a convocar abertamente o telespectador à participação, ao mesmo tempo em que procurava moldar um determinado sentido apartidário aos fatos. As reivindicações contra o aumento das tarifas de ônibus, ao invés de traduzir-se na luta pela estatização das empresas de transporte, desviou-se para uma multiplicidade de questões individuais.

Uma revolta que deveria se organizar como um movimento popular de oposição à ideologia dominante logo deu espaços para os mais diversos “protestos”. Enrolados em bandeiras do Brasil surgiram “manifestantes” com cartazes contra a corrupção - velho apelo à moralidade que a direita desde os tempos de Getúlio e Goulart sempre levantou em oposição aos governos progressistas. Essa multidão de indivíduos solitários, moldados ideologicamente por décadas de hegemonia do neoliberalismo estavam nas ruas exigindo mudanças na sociedade e ainda sobrou espaço para quem exigisse a intervenção militar ou a eficácia de jogar uma bomba no congresso federal.

Por outro lado alguns setores progressistas, como estudantes, intelectuais, jovens e artistas, rejeitavam a presença dos partidos políticos, sobretudo os de esquerda, denunciando que aderiam à outra perspectiva de revolta, a individual. Não a toa uma ampla parcela desses setores criaram simpatia pela tática Black Bloc que se fortaleceu depois das primeiras manifestações. O grupo de linhagem anarquista estabelece uma intervenção direta contra os símbolos materiais do capitalismo. Suas manifestações violentas são dirigidas, não para a socialização da propriedade privada, mas para a sua destruição.

Os objetivos concentram-se na violência como ação primordial, o que reveste à política um “caráter mais estético, espetacular, de intervenção urbana”. Um ativista entrevistado argumentou: “Nossa sociedade vive permeada por símbolos. Participar de um Black Blocs é fazer uso deles para quebrar preconceitos, não só do alvo atacado, mas da ideia de vandalismo”. É mais que um movimento, é uma performance.

Ao invés de uma pauta unificada e verdadeiramente política o que vimos foi uma centena de protestos individuais que não chegava à essência dos problemas. Em tempos pós-modernos no lugar da argumentação e da palavra sobrou espaço para o culto da imagem. Não foi a toa que a palavra de ordem gritada nas ruas – “vem pra rua, vem!” – foi retirada de uma propaganda de carros que exaustivamente era veiculada na televisão.

O individualismo e a ação direta, contudo, se revoltam contra a mediação – representada por partidos ou sindicatos, instâncias consideradas “externas” ao poderoso movimento que, em sua onipresença, constitui o novo sujeito em luta pela “democracia absoluta”. A revolta deixou de ser pelos vinte centavos para se tornar uma luta por direitos

conduzida pela lógica do espetáculo, sem uma organização política definida cada um ficava responsável por definir o que levava à manifestação. Todos entendiam que possivelmente poderiam ser filmados pelos milhares de celulares e câmeras nas ruas. Iria para a internet, facebook ou no instagram, ou nos sites dos jornais ou na televisão. Cada um que cuidasse, portanto, do modo como iria aparecer, como iria ser espetáculo.

O que fica evidente é a preponderância da cultura do espetáculo, a ideia de interação que perpassa todas as esferas sociais e a manifestação exclusiva da representação caótica de um mundo que parece caminhar ininterruptamente através do fluxo das mercadorias e da imagem. Esse aparente vazio cultural e político dizem respeito a uma realidade onde a influência dos elementos veiculados pela linguagem hegemônica, na era de um novo bios que organiza a vida dos sujeitos, reflete diretamente na organização cultural e política, “blindando a política de forma a que não envolva transformações substantivas na vida social. Essa configuração parece corresponder à hegemonia do grande capital monetário, hoje dominante e dirigente” (Virgínia Fontes, 2008). Vale lembrar a observação de Guy Debord que, em sua crítica ao capitalismo mercantil, visualizava o espetáculo como sendo o “monopólio da aparência” e reivindicava, contra ele, não a contestação midiática, mas a “linguagem da contradição”. Para Debord a cultura seria a “mercadoria vedete” nesse tipo de sociedade.

Recorremos novamente a Walter Benjamin no ensaio “Experiência e pobreza”, onde o autor constrói uma crítica a modernidade e sua cultura, a “miséria” seria reflexo da ascensão da barbárie, a pobreza da modernidade se refere a outro modo de experiência. Para Benjamin esse empobrecimento chega ao homem moderno a partir da economia mercadológica e principalmente após o trauma da Primeira Guerra Mundial, responsável por esvaziar os homens de suas experiências e memórias. Importante notar a observação que Theodor W. Adorno estabelece e sua crítica a partir da padronização é fruto da lógica capitalista na qual a cultura está inserida, que conseqüentemente a transforma em mercadoria. Com a indústria cultural, a arte passa a ser utilizada pelo mercado como instrumento de mistificação das massas, uma mercadoria cultural. Adorno enxerga a questão do esvaziamento da cultura pelo sistema capitalista burguês e toma a questão da cultura como mercadoria. Seu esvaziamento se dá por conta do caráter descartável que ela ganha no sistema do capital.

A adoração da aparência sensível (o valor de troca) e o conseqüente esvaziamento da cultura e da política estão intimamente relacionados à ascensão da política do neoliberalismo a partir da década de 80 e a hegemonia do capital exercida a partir da década de 90, sobretudo após o fim da URSS, a ascensão tecnológica das novas mídias, o culto cada vez maior a imagem e o conseqüente empobrecimento das experiências contemporâneas. Esse

esvaziamento pode ser entendido como uma consequência da construção história nos últimos 30 anos da história do Brasil. Como observou José Paulo Netto, na fase pós – 64 saía de cena, à força, tudo o que de mais vivo, criativo e polêmico se alcançara na cultura brasileira na década de 1960. A repressão buscou esvaziar as consciências, através de uma linguagem hegemônica, doutrinando os sujeitos para uma perspectiva alienante, de “preservação da memória nacional”, através de inofensivas obras de recuperação de parte do patrimônio histórico, massificando a ideia do “milagre econômico” e do consumismo mercadológico de bens de consumo duráveis.

Com o golpe abril de 1964 se instaura uma violenta repressão aos movimentos políticos e sociais, como partidos, sindicatos, movimentos estudantis e movimentos culturais de cunho contestatório. É certo que, em primeiro lugar, os que mais sofreram com essa repressão foram as organizações políticas, principalmente da classe trabalhadora e dos movimentos estudantis, e, posteriormente, com a promulgação do Ato Inconstitucional nº5, a repressão, já presente, ganha nova forma, atacando em cheio a vida cultural do país, provocando o que Alceu Amoroso Lima chamou de “vazio cultural” (*apud* NETTO, 2011).

Com o avanço da cultura do capital e do neoliberalismo a partir da década de 80 vai se moldando esse vazio até o ponto que estamos atualmente, percebemos que a manutenção da ordem vigente está intimamente ligado ao projeto desarticulador de vozes contra hegemônicas, doutrinação das consequências e resignificação da linguagem e principalmente no preenchimento e na modelagem dessas vozes com argumentos pouco comprometidos com uma crítica política estruturada ou alguma mudança de cunho realmente político na sociedade.

Atualmente percebemos o poder do discurso do capital frente a fenômenos culturais e políticos que deveriam criar vozes e projetos contra a manutenção da ordem vigente, o que aparenta estar vazio, está, na verdade cheio de outros interesses que não dizem respeito a transformações profundas, efetivas e contra - hegemônicas. O tipo de cultura imposta gera um esvaziamento cultural e a alienação das consciências sociais sem perspectivas próprias, uma multidão atomizada e com interesses particulares, sejam culturais ou políticos. Na falta de um projeto unificado e lúcido o discurso hegemônico se fortalece, reelabora e resignifica a linguagem cultural e política e, acima de tudo, se mantém. Podemos dizer que esse esvaziamento cultural e político é fruto de toda uma trajetória, desde os anos 80 até aqui, pode ser entendido uma construção social baseada na hegemonia capitalista, mercadológica e espetacular que ganha novos contornos em tempos pós-modernos.

## Conclusão

Entende-se por hegemonia a capacidade de determinada classe de impor os seus valores morais e intelectuais para o conjunto da sociedade, e essa disputa configura-se como a luta pela organização da cultura e da política. Dessa forma, uma disputa pela articulação de valores e significações que direcionam a perspectiva política e ideológica dos indivíduos. Com o tipo de sociedade que experimentamos hoje, o desafio é tentar compreender como essa nova realidade, como observa Muniz Sodré, baseada na “interação em tempo real e na possibilidade de criação de espaços artificiais ou virtuais”, influenciam no desenvolvimento da realidade social enquanto “moldagem de percepções, afetos, significações, costumes e produção de efeitos políticos” (SODRÉ, 2010, p. 26). Nas palavras do autor:

O bios midiático implica de fato uma refiguração imaginosa da vida tradicional pela narrativa do mercado capitalista. Frente a ele, é possível pensar no saber comunicacional como uma redescrição da realidade tradicional pelo pensamento que incorpore a nova ordem tecnológica, mas refigurando a experiência do indivíduo em seu relacionamento com o mundo virtual, experimentando, por sua vez, uma crítica da existência e buscando um sentido ético-político para o empenho ativo de reorganização do nosso estar no mundo. (SODRÉ, 2010, p. 255)

Dessa forma, entendemos que o empobrecimento das experiências dos sujeitos contemporâneos está intimamente relacionado à nova configuração social baseada na cultura do capital, da imagem e do espetáculo, que de forma quase totalmente hegemônica, esvazia e resignifica conteúdos culturais e políticos criando uma realidade dúbia, onde é necessária uma observação mais cuidadosa sobre essa nova perspectiva. A linguagem que norteia essa nova configuração de vida que Muniz Sodré chamou de Bios midiático é o força principal das mediações e das interações sociais que percebemos hoje, e por isso, o campo de estudos da comunicação pode dialogar com as diversas análises e teorias sociais e políticas, dos mais diversos campos de estudos, para ajudar a compreender como se organiza o tipo de sociedade que experimentamos. Assim, produz aos olhares não só o espetáculo, mas a participação destes que o consomem na aceitação da ditadura do capital.

Ao se realizar, essa forma alienada de objetivação gera determinados princípios que serão responsáveis por supra ordenar a funcionalidade da sociedade capitalista. Ou seja, a ideologia deixa de ser, a partir da análise de Marx do fetichismo da mercadoria e da reflexão de Lukács sobre o fenômeno da reificação, uma simples “representação distorcida da realidade”. Na sua imediatividade a realidade objetiva do ser social é o mesmo para a burguesia e o proletariado. Mas isso não impede que como consequência das diferentes posições que ocupa, mas duas classes no mesmo processo econômico venham ser fundamentalmente diversas as categorias específicas da mediação através das quais a realidade puramente imediata se transforma para ambas na realidade objetiva propriamente dita. E essas “categorias específicas da mediação” que tornam dialético o ser social do proletariado repousam, antes de mais nada, na transformação do trabalhador em simples objeto do processo de produção; ele é o que acredita ser: um mero *Trager*. Mas essa especificidade do processo de produção capitalista, a venda da força de trabalho, resulta na situação violenta e paradoxal de o trabalhador estar obrigado a objetivar a sua força de trabalho ante o conjunto de sua personalidade, de vender essa força de trabalho como uma mercadoria (a única) que lhe pertence. Ou seja, instaura-se aqui uma cisão entre objetividade e subjetividade que, na objetivação do homem como mercadoria, permite que essa situação se torne consciente. (LUKÁCS apud NOBRE, 2001, p. 64).

Agora, esta distorção é entendida como necessária para a reprodução do capital, dada as contradições constitutivas do mesmo. A subjetividade reificada é, então, entendida como uma necessidade do capitalismo enquanto se expande, na medida direta em que a lógica da mercadoria se apossa do fazer cultural humano, supra ordena a sociedade de acordo com as necessidades de mercado.

Partindo da discussão final do curso sobre mediação e mediação, buscamos estabelecer uma análise social que não se tornasse puramente descritiva, e sim que criasse um vínculo elucidativo entre os estudos da comunicação e a realidade social contemporânea, para isso, utilizamos alguns exemplos de fenômenos mais recentes que dessem conta de esclarecer a proposta central do artigo.

Acredita-se que os objetivos do artigo se integram a uma tentativa de ampliação da compreensão acerca das mediações existentes entre as dinâmicas comunicativas e os processos sócio-políticos atuais. A temática exposta é motivo de uma série de trabalhos e investigações dos expoentes da teoria da comunicação contemporânea, e ainda assim, se encontra longe de um esgotamento. Na medida em que a reflexão apresentada imagina seu empreendimento em consonância com as possibilidades de movimentações culturais e políticas de caráter contra hegemônico. E, dado os grandes desafios que o início do século XXI apresenta para o conjunto dos movimentos sociais, estes desafios geram também infundáveis problemas teóricos instigantes e desafiadores. Entretanto o objetivo deste artigo se soma e dialoga com uma série de pesquisas já em andamento em diversos programas de pós-graduação, sobretudo o curso de comunicação e cultura da ECO-UFRJ e de publicações recentes de seus docentes, disciplinas ministradas na pós-graduação possuem afinidade com o tema proposto e compartilham com esse artigo paradigmas epistemológicos e problemáticas teóricas.

### **Referências bibliográficas**

- ADORNO, Theodor e HORKHEIMER, Max – *Dialética do Esclarecimento; Fragmentos filosóficos* Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro, Jorge Zahar. Ed., 1985.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Obras escolhidas: magia, arte, técnica*. 7ª. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BENJAMIN, Walter. Teses sobre filosofia da história. In: KOTHE, Flávio R. (Org.). *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1985.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*; tradução Fernando Tomaz – 2. Ed. Rio de Janeiro, ed. Bertrand
- COUTINHO, Eduardo Granja. *Velhas histórias, memórias futuras: o sentido da tradição na obra de Paulinho da Viola*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002.
- \_\_\_\_\_. A comunicação do oprimido: malandragem, marginalidade e contra-hegemonia. In: PAIVA, Raquel; SANTOS, Cristiano. *Comunidade e Contra-Hegemonia no Rio de Janeiro: rotas de Comunicação Alternativa*. Rio de Janeiro: Mauad, 2008, p. 61-74.
- \_\_\_\_\_. *Contra-revolução impressa: jornalismo, reificação e hegemonia*. IN: COUTINHO, E.G.; GONÇALVES, Márcio Souza. *Letra impressa: comunicação, cultura e sociedade*. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 53-72.
- \_\_\_\_\_. *Comunicação e Contra Hegemonia*. Rio de Janeiro Editora UFRJ 2008

\_\_\_\_\_. *Gramsci: a Comunicação como Política in Mídia e Poder*. Discurso, Ideologia, e Subjetividade UFRJ 2008.

DEBORD Guy- *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

EAGLETON, Terry. *Ideologia*. São Paulo: Boitempo, 1997.

FONTES, Virgínia. “Intelectuais e mídia: quem dita à pauta?” In: Eduardo Granja Coutinho (org.) *Comunicação e contra hegemonia: processos culturais e comunicacionais de contestação, pressão e resistência*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

FREDERICO, Celso. *CULTURA E MÚSICA POPULAR. “Da periferia ao centro: cultura e política em tempos pós-modernos”* - Escola de Comunicação e Artes, Departamento de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, Brasil.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, 42.<sup>a</sup> edição.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Walter Benjamin ou a história aberta (prefácio)*. In: *Walter Benjamin: Magia e Técnica, Arte e Política*. 2. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

SILVA, Gislene. *Pode o conceito reformulado de bios midiático conciliar mediações e midiaticização?*. In: MATTOS, Maria Angela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda (org.). *Mediação e Midiaticização*. Salvador: EDUFBA, 2012.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere –* Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

\_\_\_\_\_. *Literatura e vida nacional*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia*. Tradução Ivone Castilho. Bauru: EDUSC, 2001.

LUKACS, Georg – *Reificação e Consciência de Classe- História e Consciência de Classe*. Tradução de Telma Costa. Rio de Janeiro: Elfos Ed; Porto, Portugal: Publicações Escorpião, 1989, 2<sup>a</sup> Edição.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich, *A ideologia alemã*. São Paulo: Hucitec, 1987.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Ofício Do Cartógrafo – Travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. São Paulo, Editora Loyola, 2004.

NETTO, José Paulo e BRAZ, Marcelo. *Economia Política: Uma Introdução Crítica*. São Paulo: Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_. *Ditadura e Serviço Social, uma análise do serviço social no Brasil pós-64*, São Paulo, Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_. *Introdução ao estudo do método de Marx*. São Paulo, Expressão Popular, 2011.

SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho – uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis: Vozes, 2001.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1979.